

Apresentação

Kleber Amora*

O lugar da “Introdução a um projeto de um sistema da filosofia da natureza” na filosofia da natureza de Schelling¹

É comum se afirmar que a filosofia da natureza de Hegel forma um todo sistemático e bem ordenado. Não há dúvida de que esta avaliação é verdadeira. É possível asseverar que esta é, em toda história da filosofia, a única tentativa bem-sucedida em termos da exposição sistemática da natureza. Isto se deve ao extremado rigor lógico-demonstrativo desenvolvido pelo filósofo através do método dialético, sem a presença tanto dos elementos metafísicos já apresentados na sua *Lógica*, quanto dos materiais empíricos que lhe servem de base. Em Schelling, a exposição dos conceitos não se dá com esta “pureza” lógica, mas permeada por considerações metodológicas, metafísicas e até mesmo empíricas. Isso dá à apresentação um aspecto de desordem, imprevisto e imprecisão argumentativa.²

Tal característica marca, certamente, de forma profunda, as três principais obras da chamada fase da filosofia da natureza: *Ideias para uma*

* Professor Associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Ceará, UFC. E-mail: kleberamora@yahoo.com.br

1 Schelling, F. W. J. “Einleitung zu dem Entwurf eines Systems der Naturphilosophie oder über den Begriff der speculativen Physik”. In: Schelling, K. F. A. (Org.). *Sämmtliche Werke*. 14 Bdn. 1 Abt. I-X; 2 Abt. I-IV, Stuttgart/Augsburg: Cotta, 1856-1861. Doravante apenas: *Introdução*.

2 Hartmann afirma, por exemplo: “Ainda que não fique, como Fichte, inteiramente alheio à Ciência exata, e esteja, pelo contrário, provido dum conhecimento real considerável em muitos campos especiais Schelling carece, todavia, do espírito crítico das Ciências Naturais modernas. Iguale-se nisso a Fichte, seu antecessor, e a Hegel, seu sucessor, sendo apenas excedido pelos românticos, totalmente imoderados na especulação. Tem muito mais de teólogo especulativo do que de investigador científico”.(Hartmann, 1960, p. 135).

*filosofia da natureza*³ (1797), *Da alma do mundo*⁴ (1798) e *Primeiro projeto de um sistema da filosofia da natureza*⁵ (1799). Entretanto, afirmações de que, em razão de tal “desordem” expositiva, não haveria aí uma linha argumentativa que aponte para uma visão sistemática da natureza, não resistem a uma investigação cuidadosa das obras acima citadas.

Se não há um “antes” e um “depois” precisos na argumentação de Schelling, é porque seu método é marcado tanto pela preocupação em determinar os conteúdos fornecidos pelas ciências, quanto por estabelecer as suas posições no interior do todo, o que envolve, certamente, certa pluralidade de objetos e temas; este procedimento não significa, entretanto, que não haja aí unidade, ou seja, coerência metodológica, bem como um objetivo bem definido em traçar um plano ou uma *ideia* sistemática da natureza.⁶ O imiscuir-se constante da experiência na exposição cumpre, nesse sentido, um importante papel metodológico no movimento dos conceitos, funcionando como uma espécie de estímulo e vivificação constante do inteiro processo. Vale ressaltar ainda que, apesar disso, é clara a influência de Schelling sobre Hegel não só no que diz respeito à determinação dos conceitos, mas também ao lugar de cada um na exposição; basta lembrar o tratamento dado aos fenômenos da luz (seu caráter simultaneamente ideal e real enquanto primeira manifestação da natureza), do magnetismo, da eletricidade e do processo químico (sua sequência e mútua determinação dialética) e, por fim, da sensibilidade, da irritabilidade e da força reprodutiva no plano do orgânico (com suas implicações da mesma forma dialéticas).

Veremos que a *Introdução* é o primeiro trabalho de Schelling que, preservando os resultados de suas exposições anteriores, busca uma unidade sistemática maior, preparando, com isso, a definitiva e mais orgânica de suas

3 Schelling, F. W. J. “Ideen zu einer Philosophie der Natur” (*Ideias para uma filosofia da natureza*). Loc cit. Doravante apenas: *Ideias*.

4 Id., “Von der Weltseele”. Loc. Cit.

5 Id., “Erster Entwurf eines Systems der Naturphilosophie”. Loc cit.

6 Cf. Holz, 1975, p. 215-236. Vale notar que tal forma de procedimento expositivo se aproxima daquele desenvolvido por Marx em *O Capital* em que os conceitos afloram a partir de um procedimento lógico juntamente com as determinações da ordem do empírico.

obras: *Exposição de meu sistema da filosofia*⁷ (1801) e que funda a sua filosofia da identidade. A reivindicação por uma completa construção dos fenômenos da natureza, já presente desde as *Ideias*, adquire, agora, a conformação de um plano único.⁸ Para isso, Schelling passa a definir o conceito de *potência* ou grau fenomênico de manifestação da natureza. A natureza se apresenta como desdobramento de uma sequência lógica de potências a partir da identidade absoluta, em que cada uma brota da anterior a partir de uma demonstração interna à coisa. Cada fenômeno é expressão ou modo do absoluto, ou, em outras palavras, diferença quantitativa entre subjetividade e objetividade que, originariamente, são indissociáveis tanto no plano da idealidade quanto no da realidade. Não se trata mais de assumir, como na obra de 1797, a concepção de *ideias* que, enquanto fundamentos da natureza, eram pensadas apenas no plano de uma sequência ideal, ou seja, na própria razão⁹, apesar de Schelling afirmar lá que a identidade é real na medida em que é implantação do ideal no real e é ideal na medida em que é reassunção do real no ideal.¹⁰

Aspecto também decisivo na *Introdução* é a autonomia que a filosofia da natureza ganha frente à filosofia transcendental com a qual era mais vinculada. A partir de agora, a palavra de ordem passa a ser: não subordinar o real ao ideal, mas explicar o ideal a partir do real.¹¹ Embora, como veremos, Schelling continue a se preocupar com o estabelecimento de princípios *a priori* para a natureza, sublinha, com mais determinação, que quer compreendê-la através de suas próprias forças, em outras palavras, através das potências que lhe são imanentes, as quais só podem aflorar com a ajuda do experimento científico.¹²

7 Cf. Schelling, F. W. J. "Darstellung meines Systems der Philosophie". Loc. cit.

8 Cf. Wieland, 1975, p. 237-279.

9 Cf. Zeltner, 1975, p. 75-94.

10 Schelling, *Ideias*, I, 2, 109.

11 Id., *Einleitung*, I, 3, 272.

12 Cf. Rudolph, 1993, p. 101-115. Arseni Gulyga chega a afirmar que a obra em foco significa, pelos objetivos por ela instituídos, muito mais uma correção do que uma simples introdução ao *Projeto de um sistema da filosofia da natureza* de Schelling. Cf. Gulyga, 1990, p. 217-232.

A Introdução

Schelling inicia a *Introdução* afirmando: “A inteligência é produtiva de duas formas: ou cega e inconsciente ou livre e consciente; produtiva inconscientemente na intuição do mundo, consciente na criação de um mundo ideal”.¹³ Isto quer dizer que a natureza, como que dotada de um espírito, em outras palavras, de uma teleologia, produz suas próprias formas e que à tal verdade só temos acesso via intuição intelectual. Já a produção consciente é aquela praticada pela ação reflexiva do homem, com a qual ele pode criar um mundo ideal. A filosofia tem clareza desta oposição, mas sabe superá-la ao intuir que ambas as atividades são originariamente idênticas. Porém, como tal identidade ocorre no interior da consciência,¹⁴ a filosofia tende a ver o real apenas como produto do ideal. Este é o procedimento típico da filosofia transcendental que, a partir de seus próprios princípios,

13 Schelling. *Einleitung*, I, 3, 271.

14 Uma das mais sofisticadas, porém, pouco discutidas questões na literatura brasileira sobre Schelling (e, na verdade, também sobre Fichte) é a da intuição intelectual. A solução de Schelling preserva, certamente, o legado de Fichte que, na *Doutrina da ciência*, faz uma dedução originária do sentimento a partir da polaridade que se estabelece entre a atividade do eu e a passividade do não-eu. A intuição de tal dialética se confunde, portanto, com um sentimento da mesma no interior do próprio sujeito intuente. Só que, em Schelling, esta intuição está carregada de exigências por algo constitutivo e existente. Tomemos a seguinte passagem de *Ideias* que expressa muito bem essa dialética e que, certamente, é preservada por ele nas obras seguintes: “Com a primeira consciência de um mundo exterior se dá também a consciência de mim mesmo e, inversamente, com o primeiro momento de minha autoconsciência se forma o mundo real diante de mim. A fé na realidade fora de mim surge e cresce com a fé em mim mesmo; uma é tão necessária quanto a outra; ambas – não especulativamente separadas, mas em sua plena e *mais interna* ação recíproca – são o elemento de minha vida e minha inteira atividade.” (*Ideias*, I, 2, 217-218) Schelling quer dizer que através da força originária de meu *eu* se descortina a força de um mundo exterior, mas que isto só se dá porque tal força originária está posta também nos próprios objetos. Esta identidade é originária e é por isso que Schelling também afirma: “Na medida em que eu mesmo permaneço *idêntico* à natureza, eu compreendo o que é uma natureza viva tão bem como compreendo a minha própria vida; [...] mas tão logo me aparto da natureza e comigo todo o ideal, não me resta mais nada que um objeto morto e deixo de compreender como uma *vida* seria possível *fora de mim*.” (*Ideias*, I, 2, 47) Uma consciência “descarnada” não tem, para Schelling, nenhum sentido, isto porque ela traz em si aquela identidade originária entre eu e mundo sem nenhum esforço reflexivo, dado que tal identidade não pertence apenas a ela mesma, mas também à realidade exterior.

força a natureza a ganhar regularidade e finalidade. Crítico em relação a essa postura, Schelling exige, então, que tal regularidade e finalidade sejam comprovadas, fazendo com que o ideal seja, por sua vez, explicado também a partir do real.¹⁵ Contrapondo-se, assim, a qualquer tipo de explicação idealista típico daquela filosofia, Schelling afirma categóricamente que “[a] primeira máxima de toda ciência da natureza verdadeira, a saber, de esclarecer tudo também a partir de forças naturais, é, nesse sentido, aceita por nossa ciência em sua máxima extensão...”.¹⁶ Reportando-se aos elementos já encontrados em sua própria pesquisa, Schelling chama a atenção para não ver tais elementos como meras deduções transcendentais; a filosofia da natureza não seria, nesse sentido, uma parte da filosofia transcendental, mas uma ciência totalmente própria, independente¹⁷ e completamente realista.¹⁸

Este caráter realista não pode ser confundido com empirismo. O que Schelling almeja é uma Física especulativa¹⁹ que, diferentemente da Física mecânica, busca não apenas descrever a regularidade das manifestações naturais através das próprias leis científicas e do aparato matemático, mas de estabelecer os fundamentos, os princípios que demarcam as possibilidades da natureza.²⁰ A busca destes fundamentos passa necessariamente pelo uso de um recurso que, como veremos, é transcendental, embora as consequências de tal uso não o sejam. No rastro de Kant, Schelling defende que, para realizar o intento de construir a natureza, faz-se necessário uma intervenção na mesma por intermédio da liberdade. A natureza age totalmente livre, em uma intrincada e

15 Schelling. *Einleitung*, I, 3, 272.

16 Id., op. cit., I, 3, 273.

17 Id., op. cit., I, 3, 280.

18 Id., op. cit., I, 3, 274.

19 Sobre o tema, cf. os trabalhos de Schmied-Kowarzik, 1996; Grün, 1993; Heuser-Keßler, 1986; Wanke, 1993; Meyer, 1981 e Poser, 1981.

20 Schelling, op. cit., I, 3, 275. Sobre a diferença entre o especulativo e o empírico em geral, Schelling acrescenta ainda: “Experiência sensível pura não é ciência e, inversamente, ciência não é experiência sensível. Isto não deve ser dito para desvalorizar a experiência sensível, mas para apresentá-la em sua luz própria e verdadeira. Experiência sensível pura, seja qual for o seu objeto, é história (o oposto absoluto da teoria) e, inversamente, somente história é experiência sensível” (Id., op. cit., I, 3, 282).

interminável rede de causas e conexões e, por isso, ela tem de ser coagida a agir em determinadas condições.²¹ Esta intervenção na natureza se faz através do experimento que é a forma através da qual a natureza é obrigada a responder às perguntas que o investigador lhe faz, perguntas que contêm em si julgamentos *a priori* e que propiciam um saber rigoroso. Schelling afirma, com isso, que somente assim “os fenômenos se conectam em uma única lei absoluta e *necessária*, a partir da qual todos eles podem ser deduzidos, resumindo, como se tudo que se conhece na ciência da natureza fosse absolutamente *a priori*”.²² Este procedimento implica necessariamente o uso de provas empíricas, dado que as perguntas, em si mesmas, significam apenas hipóteses ou suposições. Além disso, o simples experimento não é uma simples montagem da realidade, uma imaginação arbitrária e não pode, portanto, ultrapassar as próprias forças da natureza. Compreender de modo *a priori* não é a mesma coisa que dispensar a experiência, pois, na realidade, só podemos conhecer através e por meio dela.²³

Diferentemente de Kant e em mais consonância com o programa de Fichte, Schelling considera que a constituição do saber não chega a termo jamais, sendo, nesse sentido, uma tarefa infinita da ciência a busca pelo preenchimento e conexão dos elos intermediários deixados em aberto pela pesquisa experimental, trabalho que, ao se realizar, deixa, por sua vez, atrás de si e de modo inevitável, novas lacunas.²⁴

Mas de quais princípios ou fundamentos fala Schelling, com os quais poder-se-ia construir todos os fenômenos naturais que constituiriam o *corpus* de uma Física especulativa?

Schelling parte, neste aspecto também, de Kant, em particular da “Dinâmica” dos *Princípios metafísicos da ciência da natureza*, em que é apresentada a explicação transcendental da gênese ou *construção* da matéria a partir da atividade constante de duas forças originárias no preenchimento do espaço: de repulsão (ou expansiva) e de atração (ou penetrante). Nada de material seria possível caso tais forças não existissem e não agissem de forma simultânea para lhes dar conformação. Ambas agem ao infinito: a de

21 Id., op. cit., I, 3, 276.

22 Id., op. cit., I, 3, 276-277.

23 Id., op. cit., I, 3, 278.

24 Id., op. cit., I, 3, 279.

repulsão no sentido de expandir a substância material visando alcançar uma rarefação absoluta e, a de atração, no sentido de comprimi-la e torná-la um ponto infinitesimal, sendo, tais possibilidades o próprio inviabilizar da constituição de algo no mundo. Assim, tudo que existe de material não passa de um determinado grau de repleção do espaço por tais forças. Atração e repulsão originárias constituem a essência da matéria e significam, pois, as suas próprias condições de possibilidade.

Todavia, Schelling toma a construção kantiana da matéria de uma forma bastante crítica. Ele tem razão ao afirmar que tal dinâmica, apesar de inovadora, continua sendo mecanicista, porque o que resulta dela é apenas “matéria em geral”. Segundo esta perspectiva, o que podemos dizer dos corpos é que eles são simples variações de densidade ou grau modificado de preenchimento do espaço em função daquelas forças primárias. Schelling já dissera, nas obras anteriores, que o tratamento dado por Kant em sua “Dinâmica” à dedução das forças e à consequente construção da matéria foi meramente analítico, formal e idealizado, insuficiente, portanto, para alcançar as esferas mais profundas da natureza, como do químico e do orgânico. Esta carência da teoria kantiana será ressaltada na *Introdução* porque o que Schelling almeja aí é uma construção *viva* e não simplesmente mecânica da natureza. Ele não afirma que o que foi estabelecido por Kant seja totalmente falso; todos os processos dinâmicos são, a rigor, graus determinados de preenchimento do espaço por aquelas duas forças fundamentais, mas eles não são apenas isso. A solução mecanicista precisa, então, ser vista como parte ou forma específica de uma Física mais ampla que ponha princípios mais ricos e mais verdadeiros para a natureza inteira.²⁵

Esta fragilidade da “Dinâmica” kantiana traz consigo outra que Hegel, juntamente com o aspecto meramente analítico da dedução das

25 “O que está oculto nas profundezas da natureza produtiva tem de ganhar luz na natureza enquanto produto e, assim, o sistema atomista tem de ser o reflexo constante do sistema dinâmico” (I, 3, 297). Schelling ainda dirá: “[...] pois, embora todas mudanças dinâmicas (qualitativas) apareçam no seu nível mais profundo como mudanças das forças fundamentais, distinguimos em tal nível certamente apenas o produto do processo, não o *processo mesmo*; aquelas mudanças são o *que há de ser elucidado* e o fundamento explicativo tem, portanto, de ser buscado, sem dúvida, em algo mais elevado” (Id., op. cit., I, 3, 296). Sobre a posição crítica de Schelling em relação à construção mecanicista da matéria em Kant, cf. Moiso, 1985, p. 59-97.

forças, ressaltou na *Enciclopédia*, a saber, o fato de que Kant, na verdade, pressupôs a matéria como algo de pronto, de forma que já era matéria mesma que tinha de ser atraída e repelida.²⁶ Pelo texto kantiano, podemos perceber que a matéria preenche um espaço anterior e não que ela e espaço formem uma única relação originária. Daí Schelling afirmar: “O que *preenche* o espaço não é a matéria, pois a matéria é o próprio espaço preenchido”.²⁷ Na verdade, Kant pretendia explicar algo de caráter originário com um recurso puramente mecânico. Matéria, diz Schelling, *não está* no espaço, pois aqui ela é pensada na qualidade de *ser*, não o ser da tradição, como essência inteligível, mas como atividade, ação permanente que produz todas as coisas. Schelling elege o termo *intensidade pura* para designar tal ação. Ele faz uso aqui, como já apontamos, do mesmo raciocínio de Kant para o conceito de substância, a saber, que se as partes últimas de um produto estivessem perto de desaparecer completamente, o substrato, o simples que aí permanece continuaria dinamicamente ativo. O problema inúmeras vezes apontado por Schelling no atomismo de le Sage é o fato de que aí o simples é pensado como um ponto com ação definitivamente encerrada, o que seria algo absurdo.²⁸

Entretanto, tal semelhança entre Kant e Schelling neste ponto, toca da mesma forma que no caso da dedução das duas forças originárias, apenas a superfície do problema. Tais forças desempenham, em Kant, o mesmo monótono e matemático papel de expansão por um lado e coesão (ou composição) da matéria por outro, porém, em Schelling, passam a ser chamadas respectivamente de continuidade produtiva e ação retardadora, antiprodutiva. Trata-se de uma atividade que se dirige para fora (de expansão) e outra que se dirige de fora para dentro (de contração).²⁹ É isto que constitui o princípio maior da Física especulativa de Schelling. A solução kantiana acaba por priorizar a matéria pronta, o produto e negar a produtividade. Nesse sentido, a totalidade é *mundo*, ou seja, mera soma de

26 Hegel, § 262, p. 215.

27 Schelling, I, 3, 292.

28 Sobre a crítica ao atomismo mecanicista e a defesa de um atomismo dinâmico, tal como empreendida por Schelling, cf. os trabalhos já apontados de Schmied-Kowarzik, 1996; Grün, 1993; Heuser-Keßler, 1986 e Wanke, 1993.

29 Schelling, I, 3, 303-304.

produtos. Mas “[n]a medida em que tomamos a totalidade dos objetos não simplesmente como produto, mas necessariamente e ao mesmo tempo como produtiva, ela se eleva para nós à condição de *natureza...*”.³⁰ Ou ainda: “A *natureza* enquanto simples *produto* (*natura naturata*) denominamos *natureza* enquanto *objeto* (*para este se volta toda experiência sensível*). A *natureza* enquanto *produtividade* (*natura naturans*) denominamos *natureza enquanto sujeito* (*para esta se volta toda teoria*)”.³¹

A influência de Spinoza³² se mostra aqui mais do que evidente. *Natureza* enquanto *sujeito*, *atividade*, é aquilo que, para ele, corresponde à substância e *natureza* enquanto *objeto* aos modos, ou seja, aos produtos que, enquanto tais, são aquilo que de fato existe; a *natureza* enquanto *sujeito* é o ser ou a própria *produtividade* que é apenas *intuída* como uma infinitude *ideal* que deve transitar para a infinitude empírica. Este transitar não é jamais absoluto; ele o seria caso as duas infinitudes, ou seja, o ser e a *natureza*, a *produtividade* e o *produto*, fossem dois polos absolutamente separados. *Produtividade* e *produto* fazem parte de um processo que é o mesmo, um jogo dialético entre eu e não-eu que se define precisamente no sentido da *Doutrina da ciência*, em que o eu não é o fundamento apartado e anterior ao não-eu (ou seja, à *natureza*) e o não-eu a matéria inteligível platônica a ser trabalhada pelo eu (o Demiurgo), mas é o próprio eu limitado por um movimento contrário que é dele indissociável. Assim, a *natureza* não é só identidade, mas também duplicidade. Apenas com identidade, ou seja, *produtividade*, o *devir* se daria com velocidade absoluta e não haveria nenhum *produto*; para que haja *produtos* é necessário que tal velocidade seja finita, em outras palavras, que ela seja retardada por uma tendência oposta e, assim, a *produtividade* possa transitar para algo concreto. Todo *produto* é *atividade* retida, não por uma força que vem de fora da *natureza*, mas que pertence à própria identidade que, nesse sentido,

30 Id., op. cit., I, 3, 284.

31 Id., op. cit., I, 3, 284. Cf. sobre a relação dialética entre os conceitos de *produto* e *produtividade* em Schelling, os trabalhos já citados de Grün, 1993; Heuser-Keßler, 1986; Wanke, 1993, além de Sandkühler, 1998, p. 1-39.

32 Daí Schelling reivindicar para a sua filosofia da *natureza* o título de *spinozismo da Física* (*Introdução*, op. cit., I, 3, 273).

só é identidade porque é, ao mesmo tempo, duplicidade.³³ A retenção da atividade no produto, não quer dizer, por sua vez, o seu esgotamento; o produto só se mantém enquanto tal porque continua sendo produtivo, ou seja, contém um impulso para mudanças ulteriores. A existência é, assim, um constante produzir e reproduzir dos objetos, processo que é garantido pelo princípio fundamental de que atividade constitui a essência da natureza.

Schelling compara a identidade pura com um rio que, em movimento, depara-se com resistências, formando redemoinhos que desaparecem e surgem a cada momento, os quais simbolizam, por sua vez, os produtos da natureza. Ele afirma: “Cada um destes pontos nos é caracterizado por um produto, porém, a natureza é ainda infinita em cada ponto da evolução, portanto, é ainda infinita em cada produto e, em cada um, reside o germe de um universo”.³⁴

Pelo exposto até agora, pode-se concluir que não é absolutamente possível imaginar a evolução da natureza chegando a termo, pois se ela cessasse de pôr produtos só restaria o puro produtivo; em outras palavras, a natureza teria de ser dividida em ações simples e originárias, o que significaria a sua própria destruição. Por isso, a produtividade tem de ser admitida apenas como fundamento explicativo ideal que aflora à faculdade de imaginação via *intuição* na forma de uma série infinita que deve, por sua vez, ser interrompida para a *reflexão*.³⁵ Pensar uma continuidade infinita da

33 Algumas passagens da *Introdução* são elucidativas: “Na medida em que a natureza é real, tão pouco pode haver nela produtividade sem produto, quanto produto sem produtividade” [...] “O que está em toda parte e em tudo não está justamente, por isto, em lugar nenhum. A produtividade é fixada apenas através da limitação” (Id., op. cit., I, 3, 298). Ou ainda: “Na natureza não pode haver nem a produtividade pura, nem o produto puro” [...] “A natureza será, portanto, originariamente, o meio entre a produtividade e o produto e, assim, alcançamos o conceito de *uma produtividade compreendida na transição para o produto, ou de um produto que é produtivo ao infinito*” (Id., op. cit., I, 3, 299).

34 Id., op. cit., I, 3, 291.

35 Id., op. cit., I, 3, 285-286. A admissão da atividade ou produtividade absoluta é, nesse sentido, metafísica e não empírica. Daí seu caráter de idealidade. Isto não quer dizer que, como já apontamos, tal caráter seja meramente transcendental, pois a exigência de Schelling é, antes de tudo, ontológica. Na verdade, este caráter tem de ser assumido caso queiramos superar os limites da filosofia transcendental. Apenas quando se reconhece a atividade é que a dialética em foco torna-se concreta, pois sua limitação é realizada já por

natureza só é possível pela intuição e pela imaginação, como bem afirmou Fichte. A reflexão, enquanto pensar categorial do entendimento, só acontece por intervalos e sem continuidade, ou seja, quando os produtos são fixados e se põem como aptos para serem determinados. Schelling afirma, com isso, que a Física atomista faz uso apenas da reflexão e a Física dinâmica da intuição. Todas as leis da Mecânica, por se fixarem apenas no produto e não na produtividade, são, na verdade, meras leis reflexivas.

Estabelecidos os princípios gerais de uma nova dinâmica, Schelling busca, então, encontrar aquilo que ele chama de “expressão *universal* para a construção de um *produto em geral*”³⁶ ou, em outros termos, resolver a tarefa fundamental da Física especulativa que é “*expressar em comum a construção dos produtos orgânicos e inorgânicos*”.³⁷ Lembremos que, em Kant, a posição era construir o mecânico, ou seja, uma matéria em geral, deixando de lado, por limite metodológico, o químico e o orgânico. Sabemos também que o esquema kantiano serve de base para as exigências mais amplas de Schelling e foi ele que levou aos resultados descritos até agora. Sem que se demonstre uma forma de construção que unifique todas as manifestações naturais, ou seja, insira a todas em uma única série evolutiva, as soluções específicas para o inorgânico e o orgânico serão simplesmente hipotéticas. Schelling será o primeiro em toda história da filosofia a pensar uma articulação lógica e demonstrativa que se iniciará com os princípios mais gerais da sua “Dinâmica”, atravessará todas as esferas do inorgânico e culminará com aquelas do orgânico, formando, assim, um sistema inteiramente articulado.³⁸ Tentaremos mostrar agora como estes conceitos fundamentais da natureza se articulam a partir da lógica esboçada até o presente

forças externas disponíveis no mundo. Daí Schelling denominar também esta tendência limitante de receptividade absoluta. Assim, tudo que existe tem sua razão de ser tanto em uma condição universal de toda a natureza quanto em outra que reside apenas no produto em particular.

36 Id., op. cit., I, 3, 305.

37 Id., op. cit., I, 3, 306.

38 É por isso que o orgânico é visto por ele como a referência sistêmica por excelência para fundar seu sistema. Ele afirma: “Estabelecemos aqui logo de início como princípio que, visto que o produto orgânico é o produto na segunda potência, a construção orgânica do produto tem de ser no mínimo símbolo da construção originária de todo produto” (Id., op. cit., I, 3, 306).

momento, que é a lógica da polaridade dialética entre identidade e diferença. Todavia, a forma da construção exposta até agora baseada nesta oposição originária, expressa apenas o seu conceito mais geral. É preciso entender então como se dão as diferenças específicas da matéria no interior de tal dialética, ou seja, como é que da relação entre identidade e diferença podem surgir manifestações físicas efetivas. Schelling, antecipando a forma dialética hegeliana de exposição da natureza, baseada na fórmula triádica de tese, antítese e síntese, trata primeiramente da construção do plano do *necessário*, ou seja, do inorgânico, para, em seguida, apresentar aquele plano que, frente ao anterior, é considerado por ele como *contingente*, a saber, do orgânico.

Para funcionar, esta fórmula dialética precisa sair, portanto, de uma oposição que, fazendo uso aqui de um termo hegeliano, só levaria ao mal infinito. É preciso pensar a síntese lógica que garante o motor de tal dialética e que se expressa, segundo Schelling, com o conceito de *indiferença*. A conclusão de tal síntese, bem como as suas premissas fundamentais, não constitui um mero logicismo, mas revelam a própria essência da natureza que não dispõe apenas de identidade e dualidade constitutivas, mas de uma tendência, um esforço por indiferença. Este esforço por indiferença é, ao fim e ao cabo, tão somente o retorno à tese inicial, ou seja, à própria identidade, porém, trazendo consigo a diferença.

Apenas identidade significaria repouso absoluto; ela só existe na natureza trazendo consigo a diferença e repondo-se como indiferença, ou seja, como totalidade de produtos cuja matéria está agora especificada, ou seja, contendo dentro de si uma variedade de fatores que a particularizam. Schelling diz: “Através da oposição originária e do esforço por indiferença se efetiva um produto [...]”.³⁹ Porém, o ciclo não acaba; o produto supera a oposição que lhe é constituinte e se submete a uma ulterior que, por sua vez, faz parte de uma série de outras que vai ao infinito. Ou seja, todas as oposições possibilitam a formação de novas qualidades e produtos, sem superar jamais a oposição absoluta. Os elos intermediários da síntese são produzidos, mas não a síntese última e absoluta, ou seja, a indiferença

39 Id., op. cit., I, 3, 310.

absoluta.⁴⁰ Resolvida uma oposição entre os extremos que delimitam a formação de um produto, percebe-se que ela está inserida no interior de outra e assim por diante, formando uma direção de dois sentidos cujos extremos absolutos não se alcança jamais. O ponto de indiferença universal se encontra na linha diretiva ideal onde se circunscreve a linha diretiva real do corpo particular. Schelling afirma: “O ponto de indiferença *absoluto* não existe em parte alguma, mas é, por assim dizer, repartido em vários pontos *individuais*. – O universo, o qual se forma do centro para a periferia, *busca* o ponto onde também os opostos mais externos da natureza são superados; a impossibilidade desta superação assegura a infinitude do universo”.⁴¹

Resumindo: cada produto corresponde a um determinado nível de transição da identidade para a diferença e desta para a indiferença no processo dinâmico geral da natureza que, como afirmamos, dá-se primeiramente no plano inorgânico e, em seguida, no orgânico. Estes planos são apresentados sob a forma de três potências,⁴² sendo a primeira a mais elementar pelo fato de ser de natureza puramente mecânica, ou seja, ainda totalmente abstrata; a segunda e a terceira potências pertencem já à Física e tratam, pois, de fenômenos naturais, subdividindo-se, cada uma, em três níveis crescentes de determinação.

A primeira potência é a *gravidade* que surge como primeira síntese das forças originárias de atração e repulsão, significando, nesse sentido, a passagem do plano abstrato e da idealidade para o concreto; isto quer dizer que ela é a primeira categoria da natureza, a garantia de que algo será fixado e conformado em seu interior. As forças originárias sozinhas se anulariam mutuamente e nada poderia se formar a partir delas. Com a ação da gravidade e das potências mais desenvolvidas, tais forças continuam a ser a base das polaridades da natureza, porém, sob formas específicas de manifestação. A gravidade é, assim, a primeira através das quais elas se tornam reais. Poder-se-ia dizer que é graças a ela que a natureza adquire identidade, apesar de trazer já dentro de si as diferenças que lhe são inerentes e que demarcam a segunda potência. Assim, a “Dinâmica”

40 Id., op. cit., I, 3, 310.

41 Id., op. cit., I, 3, 312.

42 Sobre as potências em Schelling, cf. Bloch, 1975, p. 292-304; Engelhardt, 1981, p.77-98 e Id, 1983, p.39-57.

apresentada por Kant é insuficiente para demonstrar a gênese efetiva da matéria, pois somente com a gravidade é que tal gênese se faz possível. Hegel também se apropriará deste raciocínio ao mostrar que somente com esta condição é que poderá haver matéria qualificada, bem como o ulterior surgimento da gravitação universal no sistema dos corpos.

Isso cria as bases para a segunda potência, a saber, a da luz, a primeira manifestação física da natureza. A luz é a matéria no seu estado mais rarefeito, ou seja, no estado em que a força de repulsão se encontra em seu nível mais avançado possível de elasticidade. Ela surge, de acordo com Schelling, a partir da combustão gerada pelo contato entre os corpos e o oxigênio presente no ar atmosférico, no interior de uma gravidade específica gerada pelos corpos. Daí a luz ter uma dupla natureza, a saber, de ser material e imaterial ao mesmo tempo; caso não fosse grave, expandir-se-ia com velocidade infinita. Ela é material não no sentido de ter massa, mas porque é produto do encontro entre a fonte por excelência da combustão (o oxigênio) e o material passível da mesma.

Este encontro é a base de todos os fenômenos que constituem a segunda potência, a saber, o magnetismo, a eletricidade e o processo químico.⁴³ A combustão é o fenômeno em que a decomposição do ar é absoluta e seu resultado é o surgimento do calor e da luz. A luz é o fenômeno da indiferença suprimida a cada momento, tal como se dá na gravidade. Ela é, pois, antes de tudo, magnetismo, quer dizer, diferença pura, dualidade que passa para a identidade e identidade que passa a dualidade, ausência de substrato ou indiferença. A eletricidade é, por sua vez, decomposição parcial do ar em que surgem fatores simples com sinais opostos, ou seja, a formação de uma distinção real no interior do produto em que um daqueles fatores ganha preponderância sobre o outro. O vínculo básico de tal fenômeno com a luz se faz claro: ela é o fator positivo da oposição originária. No processo químico, o que está em jogo não é a gravitação entre fatores simples, mas entre produtos que anulam a indiferença mútua e se dissolvem para alcançar um novo ponto de indiferença e, assim, formar um novo produto. A combustão e

43 Análises detalhadas sobre o tratamento dispensado por Schelling a estes fenômenos são muito poucas. Destaca-se, nesse sentido, o trabalho de Manfred Durner sobre o processo químico e o de Francisco Moiso sobre a eletricidade. Cf. Durner, 1985, p. 15-38.

decomposição do ar como fonte da luz é, da mesma forma, processo químico.

A segunda potência da natureza revela, assim, de modo claro, uma tríade dialética: o magnetismo, apesar de bipolar, garante a identidade primeira do produto; a eletricidade a duplicidade dos fatores do produto e o processo químico, novamente, a identidade, agora, entretanto, como retorno a si da unidade primordial através do diferente de si, portanto, na forma de indiferença.⁴⁴ Daí a tese de Schelling de que, apesar de específicos, tais fenômenos (incluindo os orgânicos) formam entre si uma grande conexão no interior da natureza, sendo, todos eles, apenas modificações de único processo básico. Isto poderia ser revelado, por exemplo, com a teoria da identidade entre magnetismo e eletricidade no plano do inorgânico demonstrado pelas experiências de Oersted e Faraday, bem como entre eletricidade e processo químico na passagem do inorgânico para o orgânico demonstrado pelo galvanismo.

A terceira potência da natureza é a da vida que, como já apontamos, é, para Schelling, contingente frente à potência anterior. Isto significa que a natureza inorgânica é vista por ele como existindo desde sempre e a orgânica como derivada. Seus níveis fundamentais são a sensibilidade, a irritabilidade e a força reprodutiva, cada um dos quais não se dá de forma isolada, mas em relação recíproca e determinando toda atividade dos organismos, podendo a saúde ser vista, por exemplo, como uma proporção adequada entre eles e a doença como um desvio.⁴⁵ O aspecto de contingência da vida ocorre em virtude deste fenômeno envolver uma relação mais complexa entre necessidade e liberdade e isto precisamente no sentido de Kant que, na terceira crítica, pensa uma finalidade interna perpassando o corpo animal e vegetal como na forma de um sujeito inconsciente, porém livre, e que, em virtude disso, não pode ser compreendido pelas categorias do entendimento discursivo. Schelling seguirá Kant ao reiterar que os elementos que explicariam a vida envolvem não só o corpo, mas o próprio infinito. Entretanto, apesar de se tratar de um processo dinâmico superior, Schelling

44 Schelling, I, 3, 317.

45 Sobre a dialética entre sensibilidade, irritabilidade e força reprodutiva em Schelling, cf. o trabalho já citado de Warnke, C. Sobre a influência da filosofia de Schelling na medicina, cf. Tsouyopoulos, 1981, p. 107-116 e Toellner, 1981, p. 117-128.

vê ainda um paralelismo entre os graus de constituição do inorgânico e aqueles do orgânico, em que a sensibilidade corresponde à potência mais elevada do magnetismo, a irritabilidade à potência mais elevada da eletricidade e a força reprodutiva à potência mais elevada do processo químico, o que configura também, nesse sentido, uma tríade dialética importante. Esta unidade última é, certamente, a base maior de uma construção única para todos os fenômenos da natureza.

Na terceira potência, justamente por ser a mais elevada, dá-se, todavia, uma contradição insolúvel. Se houve a passagem da primeira para a segunda e desta para a terceira, não haverá mais um transitar ulterior para uma potência ainda mais alta. A natureza orgânica não poderá chegar jamais à indiferença como acontece no processo químico. Neste, chega-se à indiferença por que os produtos envolvidos são dissolvidos para formar um novo. Porém, o orgânico só pode alcançar a indiferença se regredir à potência anterior do químico e separar os fatores em produtos diferentes. “[A] vida consiste precisamente no *impedir* constante *de que se chegue à indiferença*”,⁴⁶ afirmará sempre Schelling. A grande contradição da natureza reside no fato de que o produto deve ser produtivo na forma de um *individuum* organizado, mas conter em si um esforço infinito para transitar para a indiferença, o que não é possível no âmbito do próprio orgânico. Nesse sentido, todos os produtos individuais não passam de tentativas frustradas do absoluto se revelar e a vida é o acontecimento mais contraditório da natureza. O seu lema é esse: que ela se faça através da diferença, mas que tal diferença não se torne indiferença jamais⁴⁷ ou, em outras palavras, que ela tem de se dividir para se tornar produtiva, entretanto, lutando, ao mesmo tempo, contra seu próprio objetivo. Esta divisão se dá, pois, contra a sua própria vontade, pois o que ela quer é permanecer na inércia absoluta da identidade. A vida permanece, nesse sentido, no máximo, como vida do gênero, enquanto a vida dos indivíduos se esvai em devir implacável e sem fim. Schelling diz: “A natureza é o animal mais inerte e detesta a separação, porque esta somente a obriga à atividade; ela só é ativa para se tornar livre de tal obrigação. – Os opostos têm de fugir

46 Schelling, op. cit. I, 3, 322.

47 Id., op. cit., I, 3, 325.

um do outro eternamente a fim de se buscarem eternamente, e se buscarem eternamente para nunca mais se encontrarem; apenas *nesta* contradição reside o fundamento de toda atividade da natureza”.⁴⁸

Esta contradição nevrálgica da natureza nos conduz a pensá-la em uma evolução infinita em que ela é obrigada constantemente a retornar a si mesma, reiniciando os mesmos ciclos, pondo, destruindo e repondo os mesmos produtos, como a única forma possível de existência. Existir, viver é trazer em si este paradoxo dilacerante; não reconhecê-lo seria, para Schelling, eliminar não só a base da compreensão teórica do mundo, mas até mesmo a dimensão prática do homem.⁴⁹

Com isso fica claro que a *Introdução* inaugura o primeiro modelo de exposição dialético-sistemática da natureza, método que combina forma lógico-especulativa e conteúdo fornecido pelas ciências empíricas e que influenciará Hegel de modo decisivo tanto na estrutura expositiva quanto no tratamento conceitual dos fenômenos naturais em sua *Enciclopédia*.

Resta-nos apenas frisar que uma compreensão efetiva de toda esta problemática passa, necessariamente, por um estudo cuidadoso de várias outras obras de Schelling. Esperamos que esta introdução e a tradução que a segue contribuam, juntamente com outros esforços já realizados em verter para nossa língua pensamento tão arrojado, para despertar a vontade e a coragem para iniciar este estudo.

Referências

BLOCH, E. “Natur als organisierendes Prinzip – Materialismus beim frühen Schelling”. In: Frank, M.; Kurz, G. (Org.). *Materialien zu Schellings philosophischen Anfängen*. Frankfurt am Maim: Suhrkamp, 1975.

DURNER, M. “Die Rezeption der zeitgenössischen Chemie in Schellings früher Naturphilosophie” e MOISO, F. “Schellings Elektrizitätslehre 1797-1799”. In: Heckmann, R.; Krings, H. *Natur und Subjektivität. Zur*

48 Id., op. cit., I, 3, 324.

49 Em “Philosophische Untersuchungen über das Wesen der menschlichen Freiheit” (*Investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana*), os chamados “Escritos da Liberdade”, de 1809, Schelling tomará a natureza como fonte de revelação moral que, segundo ele, contém paradigmas mais antigos que ninguém interpretou e que superará a revelação escrita baseada apenas na fé histórica. (I, 7, 415-416).

Auseinandersetzung mit der Naturphilosophie des jungen Schelling. Stuttgart-Bad Cannstatt: frommann-holzboog, 1985.

ENGELHARDT, D. v. "Die organische Natur und die Lebenswissenschaften in Schellings Naturphilosophie". In: Heckmann R.; Krings, H.; Meyer, R.W. (Orgs.). *Natur und Subjektivität. Zur Auseinandersetzung mit der Naturphilosophie des jungen Schelling*. Stuttgart-Bad Cannstatt: frommann-holzboog, 1983.

_____. "Prinzipien und Ziele der Naturphilosophie Schellings – Situation um 1800 und spätere Wirkungsgeschichte". In: Hasler, L. (Org.). *Schelling. Seine Bedeutung für Philosophie der Natur und der Geschichte*. Stuttgart-Bad Cannstatt: frommann-holzboog, 1981.

GULYGA, A. *Die klassische deutsche Philosophie*. Leipzig: Reclam, 1990.

GRÜN, K.-J. *Das Erwachen der Materie. Studie über die spinozistischen Gehalte der Naturphilosophie Schellings*. Hildesheim/Zürich/New York: Georg Olms Verlag, 1993.

HARTMANN, N. *A filosofia do idealismo alemão*. Tradução: José G. Belo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1960.

HEGEL, G.W.F. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften (1830)*. Organização: Nicolin, F. e Pöggeler, O. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1991.

HEUSER-KEßLER, M.-L. *Die Produktivität der Natur. Schellings Naturphilosophie und das neue Paradigma der Selbstorganisation in den Naturwissenschaften*. Berlin: Duncker & Humboldt, 1986.

HOLZ, H. "Die Struktur der Dialektik in den Frühschriften von Fichte und Schelling". In: Frank, M; Kurz, G. (Orgs.). *Materialien zu Schellings philosophischen Anfängen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1975.

MEYER, R. "Zum Begriff der spekulativen Physik bei Schelling". In: Heckmann, R./Krings, H./Meyer, R.W. (Org.). *Natur und Subjektivität. Zur Auseinandersetzung mit der Naturphilosophie des jungen Schelling*. Stuttgart-Bad Cannstatt: frommann-holzboog, 1981.

MOISO, F. "Schellings Elektrizitätslehre 1797-1799". In: Heckmann, R.; Krings, H. *Natur und Subjektivität. Zur Auseinandersetzung mit der Naturphilosophie des jungen Schelling*. Stuttgart-Bad Cannstatt: frommann-holzboog, 1985.

POSER, H. "Spekulative Physik und Erfahrung. Zum Verhältnis von Experiment und Theorie in Schellings Naturphilosophie". In: Hasler, L. (Org.). *Schelling. Seine Bedeutung für Philosophie der Natur und der Geschichte*. Stuttgart-Bad Cannstatt: frommann-holzboog, 1981.

RUDOLPH, E. "Die Natur als Subjekt. Zur Leibniz-Rezeption des frühen Schelling". In: Gloy, K; Burger, P. (Orgs.). *Die Naturphilosophie im Deutschen Idealismus*. Stuttgart-Bad Cannstatt: frommann-holzboog, 1993.

SANDKÜHLER, H.J. "F.W.J Schelling - ein Werk im Werden. Zur Einführung". In: Sandkühler, H.J. (Org.). *F.W.J.Schelling*. Stuttgart/Weimer: Verlag J.B. Metzler, 1998.

SCHELLING, F.W.J. "Einleitung zu dem Entwurf eines Systems der Naturphilosophie oder über den Begriff der speculativen Physik". In: Schelling, K.F.A. (Org.). *Sämmtliche Werke*. 14 Bdn. 1 Abt. I-X; 2 Abt. I-IV, Stuttgart/Augsburg: Cota, 1856-1861.

_____. "Philosophische Untersuchungen über das Wesen der menschlichen Freiheit". In: Schelling, K.F.A. (Org.). *Sämmtliche Werke*. 14 Bdn. 1 Abt. I-X; 2 Abt. I-IV, Stuttgart/Augsburg: Cota, 1856-1861.

_____. "Ideen zu einer Philosophie der Natur". In: Schelling, K.F.A. (Org.). *Sämmtliche Werke*. 14 Bdn. 1 Abt. I-X; 2 Abt. I-IV, Stuttgart/Augsburg: Cota, 1856-1861.

_____. "Von der Weltseele". In: Schelling, K.F.A. (Org.). *Sämmtliche Werke*. 14 Bdn. 1 Abt. I-X; 2 Abt. I-IV, Stuttgart/Augsburg: Cota, 1856-1861.

_____. "Erster Entwurf eines Systems der Naturphilosophie". In: Schelling, K.F.A. (Org.). *Sämmtliche Werke*. 14 Bdn. 1 Abt. I-X; 2 Abt. I-IV, Stuttgart/Augsburg: Cota, 1856-1861.

_____. "Darstellung meines Systems der Philosophie". In: Schelling, K.F.A. (Org.). *Sämmtliche Werke*. 14 Bdn. 1 Abt. I-X; 2 Abt. I-IV, Stuttgart/Augsburg: Cota, 1856-1861.

SCHMIED-KOWARZIK, W. *Von der wirklichen, von der seyenden Natur*. Stuttgart-bad Cannstatt: frommann-holzboog, 1996.

TSOUYOPOULOS, Nelly. "Schellings Konzeption der Medizin als Wissenschaft und die 'Wissenschaftlichkeit' der modernen Medizin"; TOELLNER, R. "Randbedingungen zu Schellings Konzeption der Medizin als Wissenschaft" e ROTHSCUH, K. E. "Deutsche Medizin im Zeitalter der Romantik. Vielheit statt Einheit." In: Hasler, L. (Org.). *Schelling. Seine*

Bedeutung für Philosophie der Natur und der Geschichte. Stuttgart-Bad Cannstatt: frommann-holzboog, 1981.

WANKE, C. "Der stete und feste Gang der Natur zur Organisation". In: Gloy, K/ Burger, P. (Org.). *Die naturphilosophie im Deutschen Idealismus.* Stuttgart-Bad Cannstatt: frommann-holzboog, 1993.

WIELAND, W. "Die Anfänge der Philosophie Schellings und die Frage nach der Natur". In: Frank, M; Kurz, G. (Orgs.). *Materialien zu Schellings philosophischen Anfängen.* Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1975.

ZELTNER, H. "Das Identitätssystem". In: Baumgartner, H.M. (Org.). *Schelling.* Freiburg/München: Verlag Karl Alber GmbH, 1975.